

Literatura e afro-descendência em textos de Machado de Assis e Geni Guimarães

Robson Dutra¹ - Unigranrio
Sarah Fonseca² - Unigranrio

RESUMO: Este texto pretende, a partir de contos de Machado de Assis e Geni Guimarães, considerar sobre o negro e a escravidão, bem como as permanências sentidas no século que separa a escrita destes dois escritores. Desse modo, pretendemos considerar como a história do Brasil é refletida pela literatura e o modo como a questão suscitada ainda serve de ponto de partida para vários estudos.

Palavras-chave: Escravidão, Machado de Assis, Geni Guimarães, História, Ficção.

ABSTRACT: This text, based on short stories by Machado de Assis and Geni Guimarães, considers Negroes and slavery system, as well as the permanencies along the century that separates these two escritores. Thereby, we will consider how the history of Brazil is reflected by literature and how the issues raised by them still act as starting point for several studies.

Keywords: Slavery, Machado de Assis, Geni Guimarães, History, Fiction.

Eu tenho a inqualificável monomania
De não tomar a arte pela arte,
Mas a arte como a toma Hugo,
Missão social, missão nacional, missão
humana.
(MACHADO DE ASSIS)

Pela leitura das obras selecionadas de Machado de Assis e Geni Guimarães, pretendemos refletir sobre a situação do negro brasileiro na época de sua libertação, ou seja, a partir de 1888 e as alterações e permanências sofridas por ele e que se refletem, contemporaneamente, na obra de Geni Guimarães, escritora afro-descendente que, como Machado, traz em sua obra reflexões sobre a situação social do negro.

1 Professor Adjunto Doutor no Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio.

2 Bolsista de Iniciação Científica Júnior.

Nossa opção por contos e crônicas, ou seja, narrativas curtas, deve-se à concisão que, entretanto, não deixa de focalizar aspectos importantes de nossa pesquisa. Assim, o conto constitui uma unidade dramática, com uma célula dramática, um só conflito, um só drama, uma só ação em unidade de ação que aponta para um objeto delimitado. Tudo o que integra o conto leva a um mesmo objetivo, convergindo para o mesmo ponto. Assim, a existência dum único conflito, duma única “história” está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e de pormenores.

No que se refere ao estudo dos contos machadianos, constatamos inicialmente que, mais do que descrever a aparência física, Machado de Assis aprofunda a parte psicológica de suas personagens, revelando não apenas o que era dito, mas também sentido naquela altura com relação à condição político-social do negro. As personagens principais, que em algumas passagens são responsáveis também pela narrativa dos cenários e acontecimentos, demonstram muita emotividade e sensibilidade. Além da perfeita descrição da cena, dando a possibilidade ao leitor de imaginá-la com clareza, elas transmitem sensações que ele teria se estivesse no local, ou seja, fazendo-o imaginar-se parte do cenário.

Machado de Assis expressa alguma preocupação abolicionista, sem que esta se torne uma bandeira, uma marca de sua escrita, fato pelo qual foi criticado por outros escritores de sua época, sobretudo pelo fato de ser mulato, o que, para seus críticos, deveria implicar um compromisso explícito do escritor. Como ilustração, podemos citar o conde Arthur de Gobineau, representante diplomático do governo francês na corte de D. Pedro II, que, em documentos diversos, afirma que o brasileiro era um “povo infame: todos mulatos, a ralé do gênero humano e costumes condizentes” (DUARTE, 2008, p. 241), fazendo valer o cientificismo do final do século XIX que, a partir da tese de inferioridade dos negros e mestiços, apresentava formalmente o Brasil às nações europeias. Esta é a razão de um recalque da etnicidade brasileira que vigorou na época de Machado, funcionando como estratégia de sobrevivência a um apagamento social.

De fato, este discurso reducionista de negros e mestiços era, inclusive, praticado por escritores abolicionistas, visto que esta mentalidade fazia parte do senso comum da época em que o Outro era visto como estranho, diferente e, por isso mesmo, ameaçador. Daí termos estereótipos na literatura que associam á figura do revoltoso e assassino, da mulata como uma pervertida que destruía a família de seus senhores, de pessoas que

usavam os feitiços para prejudicar os brancos, por exemplo, como se pode ler em *Vítimas e algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, n' *O Cortiço*, de Aluizio Azevedo, ou mesmo o “negro de alma branca” – um outro estereótipos – que aparece em *Mota Coqueiro*, de José do Patrocínio. Ou seja, muito embora estes escritores tenham se envolvido diretamente na campanha abolicionista, sua escrita não deixa de refletir algumas das marcas que estavam bastante incrustadas na sociedade brasileira, o que nos permite situar o contexto em que Machado de Assis escreveu.

Sendo assim, apesar de não ser claramente abolicionista, o escritor refuta este pensamento dando certa liberdade aos negros em meio a um período de escravidão, fazendo críticas subentendidas ao modo como os escravos eram tratados por seus senhores e mostrando como o negro não tinha valor social dentro da sociedade naquele tempo. Sendo assim, ele expunha e criticava em seus textos a sociedade branca e escravocrata e, sobretudo, o Estado brasileiro, que usavam a mão-de-obra escrava como objeto de sua ironia sutil e dessacralizante ao mostrar que o que está em jogo não é apenas o tom da pele, mas uma série de outros elementos que não podem, simplesmente, ser reduzidos apenas à questão racial. Temos, portanto, uma visão muito avançada e sensível para um homem que viveu naquele período, sendo, além de mulato, filho de pais humildes e nascido numa comunidade como o Morro do Juramento.

Estas são as razões por que o escritor na endossa o pensamento de sua época, pois, se assim o fizesse, tornar-se-ia também um “escritor negro de alma branca” (DUARTE, 2008, p. 242) que aceitaria o liberalismo superficial que fazia parte da elite brasileira. Por isso, não encontramos qualquer defesa da escravidão, tampouco a presença de estereótipos similares aos de seus contemporâneos, mas uma escrita dissimulada que, levando adiante sua “missão social, nacional e humana”, combatia as incongruências com o uso do humor, da ironia e da polifonia com que apresentava outros olhares, outros pontos de vista possíveis para que se ouvissem as vozes dos “perdedores da história”.

Como afirma Eduardo Assis Duarte, a escrita de Machado de Assis é panfletária e “missionária”, o que faz com que a epígrafe que escolhemos para abrir este texto, não expressa a densidade nem a complexidade da obra deste autor, mas revela a “profissão de fé” do escritor às voltas dos seus vinte anos de idade, que descartava a “finalidade sem fim” da obra de arte, segundo Kant, “bem como o discernimento da literatura

enquanto produção vinculada a valores sociais, políticos e humanos (DUARTE, 2008, p. 239). Ainda para este crítico, a obra de Assis é repleta de um refinamento construtivo que faz com que ela adquira novos significados que se renovam a cada leitura, explicitando que o ardor da juventude vai se fortalecendo e amadurecendo, até se tornar uma de suas marcas mais significativas (DUARTE, 2008, p. 240).

Indo além, podemos afirmar que seu estilo inovador e de refinada ironia se relaciona diretamente ao conceito de “contraliteratura” que, para Mouralis, segue

uma linha que vai da percepção à manifestação da diferença, depois da manifestação à afirmação e à reivindicação desta última. Cria uma constante para o dogmatismo e o etnocentrismo literários, e não tem outra intenção além de lembrar que as coisas poderiam seguir um ritmo diferente (MOURALIS, 1975, p. 27).

Assim, apesar de não atingir diretamente o leitor como na “contraliteratura”, o que ocasionaria críticas, polêmica e, provavelmente repeliria os mesmos, o escritor usa a sublimaridade para expor suas opiniões e criticar sua sociedade.

Esta é a razão principal pela qual optamos pelos contos, pois, através de uma unidade temática, torna-se mais fácil percebermos a eficácia com que Machado de Assis levou adiante seu olhar. Apesar de não fazer parte do *corpus* deste trabalho, não podemos deixar de mencionar que o fato de escrever em jornais fazia com que este escritor também usasse uma outra forma de escrita: a crônica. Assim, podemos ver que, ao usar pseudônimos como “João das Regras”, “Dr. Semana”, “Lélio”, entre outros, o escritor – assim como muitos outros de sua época –, tinha ao seu dispor um anonimato que lhe permitiria aprofundar sua crítica social.

Do mesmo modo, o eu-lírico de seus contos não é exposto como o de um mero revolucionário a fim de mudar a condição dos negros, tampouco age como um escravo revoltoso, apontando seus sofrimentos e maus tratos. Os contos que estudamos, que serão detalhados adiante, discorrem sobre o cotidiano da época de escravidão em que o negro é visto e tratado como ser inferior, isso é, como um dos muitos componentes da ordem social. A desaprovação de Machado de Assis com relação aos fatos do período era evidente, porém exposta de forma sutil de modo que, se não defendem deliberadamente o abolicionismo, tratam da sociedade escravocrata com uma ironia

sutil que ressalta seus traços menos nobres, como no fragmento a seguir, retirado do conto “Pai contra mãe”, publicado em 1906, ou seja, dois anos antes da morte do escritor: Nele, lemos que

a escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras (ASSIS, 2002, p. 423).

Logo no princípio do conto, Machado de Assis faz uma crítica aos métodos de punição aplicados aos negros no período da escravidão, descrevendo alguns dos castigos desumanos e classificando-os como grotescos, com a justificativa que em alguns casos a ordem social só é alcançada através da impiedade e da crueldade.

Em “Pai contra Mãe”, temos a descrição dos aparelhos utilizados no maltrato e controle de fuga dos escravos que aumentava e se tornava cada vez mais frequente. Os senhores que perdiam seus escravos costumavam espalhar anúncios com suas características físicas, para, caso alguém os encontrasse, levasse-os de volta a suas terras em troca de gratificação. Capturar escravos fugidos não era um mérito, mas sim um passatempo feito por pessoas em condições de pobreza em busca do pagamento pago por cada escravo devolvido. Por outro lado, o escritor nos mostra as vítimas deste processo, isto é, os negros e as camadas mais baixas da população branca que tinham de se dedicar a este tipo de atividade a fim de aumentarem seus rendimentos, já que viviam um sistema de opressão desencadeada pelo capitalismo. Com isso, faz uma primeira aproximação entre negros e brancos ao mostrar que ambos eram, de certo modo, escravizados e, por isso, buscavam, pela fuga, uma busca de liberdade em seus mais diversos níveis.

Assim é Cândido Neves, personagem principal, é casado com Clara, uma órfã que morava desde jovem com Mônica, sua tia. Por falta de dinheiro, Cândido saía em

busca de escravos fugidos para arrumar o dinheiro e sustentar a família. O casal desejava ter um filho, mas como eram humildes, uma criança lhes traria grandes dificuldades econômicas. Clara e a tia costuravam para conseguir dinheiro. Quando Clara finalmente engravidou, Mônica entrou em desespero, mas Clara sempre a tranquilizava. Como Cândido abandonara completamente seu trabalho como entalhador, vivia à procura de escravos fugidos. Porém, com o passar do tempo, outros entraram no “ofício” e a renda começou a ficar escassa.

Após o nascimento da criança, o conto chega ao clímax, visto que a tia sugere que o pai levasse-a para um orfanato. No entanto, o casal se recusava a tamanha crueldade com seu filho tão desejado. A falta de dinheiro, as contas em atraso e a insistência da tia fizeram com que Cândido decidisse levar o menino à “roda dos enfeitados” que havia à porta de um convento onde o menino seria criado. No caminho, porém, o pai vê o vulto de Arminda, uma escrava fugida e vai a sua caça, deixando o bebê com um farmacêutico. Ao conseguir capturar a escrava, ela se desespera implorando pela piedade de Cândido, pois estava grávida e seu senhor a castigaria com agressão. Porém Cândido a leva, sem se comover, de volta ao seu senhor que paga a recompensa a Cândido, enquanto a escrava, caída no chão, com dores e medo da situação, aborta, sem que isso lhe causasse qualquer remorso. De volta à farmácia, Cândido pega seu filho e volta para casa, preocupando-se com o dinheiro que ganharia no dia seguinte.

Neste conto, Machado de Assis já apresenta uma difícil situação, de um lado a felicidade de um casal por conseguir manter-se com seu filho, mas por um modo tão cruel e sujo, a morte de outra criança, esta filha de escravos. A sensação que o texto passa ao leitor é ambígua, porque, ao mesmo tempo em que dá alegria pelo casal ter mantido com seu filho, levanta a questão de se uma criança, filha de escravos, é menos importante do que uma filha de brancos.

A tensão, no conto, decorre da alternância entre morte e vida que envolve as vidas das crianças: para que uma viva é preciso que a outra morra, razão por que o escritor, com sua ironia trágica, afirma que “nem todas as crianças vingam”, revelando, por outro lado, que tanto uma quanto outra fazem parte de um sistema injusto que as iguala pela escravidão e pela pobreza, fazendo com que a batalha travada entre pai e mãe contida no título reflita a desigualdade do sistema social brasileiro.

Deste modo, o escritor inova, pois coloca as duas crianças em pé de igualdade, mostrando que a condição social de ambas não justificava a morte de uma em detrimento da sobrevivência de outra, o que contrariava o pensamento da época. Porém, Machado de Assis levanta de forma subentendida esta contradição, criticando com os fatos expostos, a contradição em que vivem suas personagens e sua sociedade, mostrando o lado nocivo da escravatura não apenas aos negros, mas a sociedade no geral.

Situação semelhante acontece em “*Virginus*”, conto que narra a história de um advogado convocado para resolver um espantoso caso de assassinato, no qual um pai mata a filha na tentativa de protegê-la da desonra.

O advogado, cujo nome não é mencionado, é requisitado por meio de um bilhete anônimo para dirigir-se a uma vila e defender o réu, Julião, que está na cadeia pelo crime. Chegando lá, o advogado que o bilhete fora enviado por Pio, um fazendeiro da região conhecido como “Pai de todos”, o que desperta a curiosidade do advogado. Um amigo lhe conta que Pio é respeitado por ser justo e caridoso o que fazia com que qualquer problema que não necessitasse de intervenção policial fosse resolvido em sua fazenda, cuja decisão era respeitada.

Ele também asilava órfãos e pobres, dando-lhes chance de sobreviver. Surpreso por tamanha compaixão, o advogado questiona se é verdade o que lhe diz o amigo e após confirmada a história, ele indaga tristeza por encontrar tão longe da corte, escondida naquela vila uma bondade que deveria ser comum entre todos.

Entra no cenário um homem negro que, indagado sobre Pio, seu senhor, responde ao advogado da seguinte maneira: Escravo é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olham-no todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados (ASSIS, 2002, p. 892).

Assim, aproximando-se dos ideais abolicionistas, Machado narra que os escravos de Pio não roubavam por ter enorme respeito a ele e que as outras faltas não eram punidas com descaso e violência, mas sim com uma repreensão amigável a qual faria o culpado sofrer apenas por seu arrependimento.

É muito interessante notarmos a ampla visão de Machado de Assis em período de escravidão. Pio tinha não só a função de ser um homem bondoso dentro do conto, mas sim de, mais uma vez, mostrar à sociedade que os escravos eram seres humanos e mereciam a mesma compaixão e respeito que qualquer outro.

Após a descrição do caridoso e bondoso Pio, que apóia visivelmente a questão abolicionista, Machado de Assis retoma o rumo da história, que é o desfecho do crime cometido: Julião, o réu, era um dos protegidos de Pio e morava com sua filha, Elisa, em um sítio um pouco distante de sua fazenda. O filho de Pio, Carlos, havia retornado após longo tempo de estudos, mostrando uma enorme mudança de caráter. Carlos passa a assediar a filha de Julião, exigindo-lhe que seja dele. Julião, incomodado com o caso, implora a Carlos que pare de importunar a moça. Ele aceita e se desculpa por seus atos. Carlos, entretanto, não cumpre sua promessa e aproveita a ausência do trabalhador para estuprar Elisa. Ao chegar a casa, Julião é surpreendido pela horrível cena e após a confirmação da violação, mata a própria filha com duas facadas para evitar que o castigo divino e a desonra caíssem sobre a moça. Julião é preso e não nega seu crime. Depois de ouvir toda a história do assassinato o advogado sai da cadeia, completamente abalado pela tragédia que caiu sobre a família de Julião. Vai ao encontro a Pio, que reprova totalmente as atitudes de seu filho, mostrando um enorme desgosto pelo mesmo. Pio culpa o filho pela morte da moça e o castiga, enviando-o para o exército. Apesar da defesa, Julião é condenado a dez anos de prisão e após cumprir a pena, vai morar na fazenda de Pio, onde nunca mais é mencionado o nome de Carlos, responsável por destruir as alegrias e esperanças dos dois pais.

Como Eduardo de Assis Duarte destaca, este conto recorre à apropriação da memória cultural do ocidente ao comparar Julião a um nobre romano, fato que tanto dignifica quanto afasta da moral católica brasileira que nada fez em defesa dos escravos (DUARTE, 2008, p. 253). Além disso, mostra como o estupro e o concubinato também eram formas de escravidão repudiadas. Se por um lado, o conto revela o gosto do Romantismo pelo trágico, não deixa de mostrar fatos verídicos, como os que eram feitos por escravos revoltosos, o que dá verossimilhança ao texto. Além disso, traz à tona o ideal moralizante com que o senhor puniu o filho, custeando a defesa de Julião e submetendo o filho aos sacrifícios decorrentes da distância da casa paterna.

Por fim, em “Bons Dias & Escravo Pancrácio”, temos vários acontecimentos do Brasil de 1888 a 1889, relatados num semanário, criticando e ironizando as mudanças que ocorreram neste período. O semanário é escrito por um ex-relojoeiro que após se cansar de sua profissão pela angústia de todos os relógios não marcarem a mesma hora, resolve dedicar-se à escrita.

O narrador inicia cada dia de seu diário semanal estimando “Bons Dias!” aos leitores. Ele observa a política brasileira, criticando-a em tom irônico, fazendo também menção à religião e à sociedade de modo geral. Este conto inclui também a história do escravo Pancrácio, um negro de mais ou menos 18 anos, como cita a personagem, que foi alforriado por seu senhor antes mesmo da Abolição da Escravatura, já que este gostava de dar o primeiro passo em alguns setores da sociedade. Em meio à ironia típica de seu texto e citações em francês, feitas pelo senhor, numa crítica de Machado ao francesismo que era moda naquele tempo, o senhor vai reduzindo os benefícios que daria a Pancrácio após a abolição, fazendo com que o escravo continuasse a servir ao antigo senhor, por não haver lugar para ele na sociedade.

É importante ressaltar que o texto em questão foi publicado no dia 19 de maio de 1888, dias antes de a lei ser instaurada, mas já refletindo a situação decorrente da Abolição. Com isto, Machado de Assis mostra que o processo de libertação ia muito além da assinatura da Lei Áurea, uma vez que era necessário todo um processo de inserção social dos negros que, apesar de libertos, precisavam participar positivamente da sociedade. Em contrapartida, o escritor mostra que o “ineditismo” da alforria serviria apenas para angariar votos para o antigo senhor que, pretensamente abolicionista, se candidataria a uma vaga de deputado. Desse modo, a dualidade que até então caracterizara a sociedade, dividindo-a entre libertos e escravos se perpetua, pois, apesar de alforriar o escravo durante o banquete com o claro intuito de se eleger, o antigo Senhor continuaria pagando um salário ínfimo que manteria Pancrácio na mesma condição de dependência do regime anterior, mudando apenas o vínculo de Senhor para Patrão que, por sinal, permanece em vigor até os dias atuais...

Dessa maneira, a leitura destes contos de Assis mostra a preocupação do escritor com a sociedade de seu tempo, sobretudo com este segmento tão sacrificado e injustiçado que era o dos escravos. Mais que buscar sua libertação, o escritor

preocupava-se com fatores que iam além dela, como, por exemplo, a socialização dos negros e sua participação na sociedade como verdadeiros cidadãos.

Como sabemos, a Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel em maio de 1888, que, por isso, foi chamada de “a Redentora”. No entanto, sabemos também que a lei deveu-se às pressões da Inglaterra que, após a Revolução Industrial, pretendia mecanizar a mão de obra, o que excluía o trabalho escravo. Percebemos, assim, que foi uma lei ditada pelo capitalismo que permanece até nossos dias, sem qualquer preocupação social.

Desse modo, vemos que a situação dos escravos não mudou efetivamente. Eles já não estão presos a senhores, podem ir e vir, porém, sua participação social ainda é pouca porque o estatuto do negro ainda é inferior. Livres, restou-lhes apenas morar, na maioria dos casos, na periferia das cidades, dando origem às favelas e guetos onde a necessidade e a precariedade ainda são muito presentes. É isso que lemos nos contos de Geni Guimarães, escritora afro-descendente que, através de seus relatos, mostra a permanência destes problemas sociais.

Em *Leite do Peito*, coletânea de contos publicada em 1989, ou seja, cerca de cem anos após a libertação dos escravos, a escritora mostra um perfeito exemplo da desigualdade social em que viviam os negros mesmo depois da abolição.

De uma forma inocente e feminina, pois os contos são narrados por uma jovem menina que envelhece no decorrer das histórias, dando conta das injustiças que viveu, a narrativa traz consigo uma visão infantil do que ela experimentou ao longo de sua vida até chegar ao caminho em que desejou.

De cunho autobiográfico, a obra é composta por onze contos narrados em 1ª pessoa, com exceção do nono conto, “Coisas de Deus”, que é narrado em 3ª pessoa. Todos relatam de forma linear a história de Geni, a penúltima de uma família de doze filhos. Assim, o livro possui um tom memorialístico organizado cronologicamente, que caracteriza as narrativas de outras escritoras afro-descendentes no Brasil, como Conceição Evaristo ou mesmo Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula*, primeiro romance de cunho abolicionista escrito por uma mulher, ainda que Firmina tenha usado pseudônimo. Trata-se de uma ficção que busca uma memória coletiva e individual, a fim de trazer a público algumas situações de preconceito e opressão racial, presentes no cotidiano dos afro-brasileiros.

No conto “Primeiras Lembranças” Geni expõe seus sentimentos em relação ao nascimento do seu irmão caçula, que a fez perder o direito de mamar no peito de sua mãe e ter que amadurecer de uma forma mais rápida. Em um dos diálogos com a mãe, a menina ela faz uma pergunta relacionada à sua etnia: “- Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?”

A “tinta” o que se refere é a cor de sua pele negra, o que mostra que, apesar de inocente, a menina revela que se sente diferente, fora do padrão social do período.

A indignação da menina em relação à gravidez da mãe é clara quando ela começa a chamar o irmão de Diabo e outros nomes relacionados. No entanto, na hora do parto, ao ouvir o sofrimento da mãe, promete parar de ofender o irmão caso Deus a livre do sofrimento, prometendo chamá-lo apenas de Jesus. Entretanto, alguns dias após o nascimento da criança a menina vai vê-lo e muda de idéia.

Só pude conhecê-lo no oitavo dia, quando passado o perigo da doença, minha mãe tirou-o do quarto. Não achei bonito nem feio. Apenas senti um grande alívio, quando me vi descompromissada de chamá-lo de menino Jesus. Era negro. (GUIMARÃES, 1989, p. 12)

O trecho causa grande impacto ao leitor, pois é visto também que, além da situação social, a relação do negro com a religião também era diferente. O relato da menina faz crer que só o homem branco tinha divindade e o negro era excluído, perpetuando o sentimento negativo que o negro sempre recebeu.

No conto “Fim dos Meus Natais de Macarronadas”, Geni relata o preconceito sofrido não só pelos negros, mas também pelos deficientes. Às vésperas do Natal, a família foi avisada de que algumas pessoas ricas distribuiriam presentes para as crianças pobres da colônia. No dia da entrega dos presentes, a “madame” que entregaria os mesmos ia distribuindo pela fila de crianças com sorrisos e beijos forçados. Ao ver Cema, a irmã da narradora, a mulher fez uma expressão de horror que chocou a menina que nos diz:

Daí a madame enfiou a mão esguia no saco e, quando foi entregar o presente, parou e olhou na carinha negra e boba da minha irmã. Fitou-a com nojo, medo, repúdio, ódio, sei lá. Deu um passo pra trás e quase jogou o pacote na cara da Cema (GUIMARÃES, 1989, p. 17)

O ocorrido bastou pra acabar com o tão esperado Natal da menina, cuja lembrança do ato da “madame” causava repulsa. Neste conto a autora expõe sua dor e opinião pela dificuldade de ter ou ser uma pessoa deficiente e negra. A frieza do tratamento que sua irmã recebeu a atingiu diretamente.

Já em “Tempos Escolares” e “Metamorfose” o eu-lírico assume uma posição em relação à abolição da escravatura. A narradora e sua família referem-se à Princesa Isabel como santa, por ter assinado a Lei Áurea, declamando os seguintes versos:

“Foi boa para os escravos
E parecia um mel,
Acho que é irmã de Deus,
Viva a princesa Isabel!!” (GUIMARÃES, 1989, p. 22)

A autora reforça que, na realidade, não foi um ato de bondade ou santidade, mas sim um efeito de pressões internas e externas do capitalismo. Assim como o senhor de Pancrácio que concorreu à vaga de deputado, a Princesa recebeu o título de santidade e a gratidão do povo liberto, deixando os negros à sua sorte.

Desse modo, quando o eu-lírico do conto de Geni se dá conta de que todo o mal, repressão e sofrimento passados pela jovem deficiente, ela sente não apenas a sua dor, mas aquela que vem dos muitos séculos de escravização do negro. Por isso, sente nojo e desprezo por sua própria cor, ao afirmar o seguinte:

[...] Eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele. (GUIMARÃES, 1989, p. 26)

Por fim, no conto “Força Flutuante”, já mulher adulta e formada, Geni conta sua experiência ao procurar emprego como professora. Ela narra a indiscrição das mães dos alunos ao olharem para ela como se fosse impossível uma mulher negra estar ali, apta para ensinar a seus filhos. A forma mais exposta do preconceito vivido pela professora veio de uma pequena aluna, mas de maneira tão inocente que apenas a fez querer mudar a visão da menina.

Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se eu conseguia colocá-la na sala de aulas.
– Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente. (GUIMARÃES, 1989, p. 31)

Nesta obra, Geni Guimarães nos dá uma visão otimista com relação ao negro e sua formação identitária no Brasil. O crescimento da menina dentro da história, mostrando sua vida de menina pobre a professora primária, foge do estereótipo do destino da maioria das mulheres negras tanto do mundo ficcional da Literatura Brasileira quanto do mundo real no Brasil, e que foram retratadas, como vimos anteriormente, como mulheres sensuais e destruidoras das “famílias de bem”. A escritora nos mostra que ao exercer uma função antes reservada à mulher branca, ela adquire uma conotação positiva dentro da sociedade e nos passa uma mensagem positiva que vai contra a opressão com que maior parte da população negra recebera anteriormente,

Portanto, esta protagonista negra, apesar das muitas dificuldades, serve de estímulo ao leitor, principalmente ao afro-brasileiro, ao mostrar que o esforço e a busca pela profissionalização desperta a vontade de vencer e ir em busca de seus ideais num mundo ainda regido pelos brancos.

Desta maneira, para concluirmos, vemos que, em comum, Machado de Assis e Geni Guimarães são eficazes em passar suas mensagens a respeito do abolicionismo. Machado de Assis criticava subliminarmente o modo de tratamento e a opressão aos negros, ironizando a sociedade escravista e exaltando a dura realidade em que viviam os escravos de forma inteligente. Já Geni Guimarães usa a perspectiva infantil para contar de forma inocente o que viveu sendo uma jovem negra na sociedade pós-abolicionista e todo o caminho de injustiças que viveram os negros, mulatos e outras etnias escravizadas e desvalorizadas, mas que obtiveram sucesso profissional e um lugar digno dentro da sociedade, livre de estereótipos.

Em épocas diferentes e por abordagens diferentes os dois escritores mostram sua força não apenas na descrição e na reestruturação lenta de suas vidas após o período abolicionista, mas na superação da desigualdade social e na construção de seu papel e dos negros na sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente*. Belo Horizonte, Palas/Crisálida, 2008.

GUIMARÃES, Geni. *Leite ' do peito*. Fundação Nestlé de Cultura, 1989.

MOURALIS, Bernard. *Les contre-littératures*. Paris, PUF, 1975.